

# A FILOSOFIA EM DISCUSSÃO

VOLUME 3

JOSÉ MEIRINHOS  
VERA RODRIGUES  
VÍTOR GUERREIRO  
/EDS.

COLEÇÃO TA PRAGMATA

 PRAXIS

Título: A Filosofia em Discussão - Volume 3  
Eds.: José Meirinhos, Vera Rodrigues e Vítor Guerreiro

Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura  
[www.praxis.ubi.pt](http://www.praxis.ubi.pt)

LusoSofia: Press  
Coleção: Ta Pragmata  
Direção: José António Domingues e Olivier Féron  
Design: Cristina Lopes

ISBN  
978-989-654-902-2 (papel)  
978-989-654-904-6 (pdf)  
978-989-654-903-9 (epub)  
Depósito Legal  
509693/22

Tiragem: Print-on-demand

Universidade da Beira Interior  
Rua Marquês D'Ávila e Bolama  
6201-001 Covilhã. Portugal  
[www.ubi.pt](http://www.ubi.pt)

Covilhã, 2022

© 2022, Sociedade Portuguesa de Filosofia e Autores (para o respetivo texto).  
© 2022, Universidade da Beira Interior.

# A FILOSOFIA EM DISCUSSÃO

JOSÉ MEIRINHOS  
VERA RODRIGUES  
VÍTOR GUERREIRO  
/EDS.

COLEÇÃO TA PRAGMATA

 PRAXIS

## Índice

### **[Volume 1]**

Introdução	13
<b>— Comunicações convidadas</b>	<b>25</b>
Luminosity and phenomenology João Branquinho	27
La razón cordial: antídoto contra la aporofobia, impulso para la democracia Adela Cortina	43
Sobre a essência e existência dos chamados “objetos ficcionais” Markus Gabriel	73
“Mais vale dois pássaros a voar do que um na mão” Maria Filomena Molder	109
<b>— Homenagem a Artur Morão</b>	<b>151</b>
Memorando da homenagem a Artur Morão António Amaral	153
Artur Morão, tradutor António Fidalgo	157
Artur Morão, a alegria do saber Américo Pereira	161
Artur Morão, tradutor agónico, atónico, espasmódico José Frazão Correia SJ	167

Agradecimento	175
Artur Morão	
Obras traduzidas ou revistas por Artur Morão	185
<b>— Comunicações</b>	<b>195</b>
O mistério do instante: kairologia e meta-cronologia em Vladimir Jankélévitch	197
José Manuel Beato	
The intertwining between history and fiction in Paul Ricœur's thought	219
Carlos F. D. Bubols	
Alien, Crisis, Home. Patočka's phenomenological critique of Eliade	329
Guelfo Carbone	
Objetividade e reflexão crítica em Thomas Nagel	261
Diogo Carneiro	
O campo gravitacional da melancolia segundo Tellenbach	281
Cláudio Alexandre S. Carvalho	
<b>[Volume 2]</b>	
A salvaguarda da mediação a partir de uma leitura crítica de Deleuze	13
Vasco Castro	
The epistemic status of philosophical intuition – what is the controversy?	33
Kamil Cekiera	

Francisco Suárez e a suficiência das categorias Mário João Correia	57
Teologia economica e soggettivazione democratica: il problema Michel Foucault Gianfranco Ferraro	77
Cultura e amadurecimento: E. Cassirer, D. Winnicott e a questão da construção de si Moisés Ferreira	99
Naturalized epistemology. Constructive empiricism as a case study Rodolfo Gaeta, Nélide Gentile and Susana Lucero	121
Saudades e queixumes Luís G. Soto	139
<i>Von Königsberg nach Konstanz</i> : on Kant's theory of aesthetic judgment and its possible updating by the Constance School Rômulo Eisinger Guimarães	157
Nietzsche: um conto de duas tragédias Paulo Alexandre Lima	173
Quem e como se conhece a si próprio? O problema do autoconhecimento nas obras atribuídas a Pedro Hispano Celia López Alcalde	195
Espinosa e a razoabilidade do gesto revolucionário João Diogo Loureiro	211
A noção de conhecimento no <i>Teeteto de Platão</i> Aurelio Oliveira Marques	229

The use of rational intuitions in philosophy in the context  
of George Bealer's conception of intuition 249  
Anna Mazurek

Kant e Arendt sobre a natureza do juízo moral 271  
Luís Filipe Fernandes Mendes

### **[Volume 3]**

Memória e inteligibilidade em Descartes 13  
Edmilson Menezes

Será que há uma forma única de os humanos serem  
humanos? (II.) O caso do animalista contra o neo-lockeano 35  
Sofia Miguens

Linguagem técnica e ideologia: Martin Heidegger e a  
"com-posição" ("*Ge-stell*") como tecnificação da linguagem 57  
Ângelo Milhano

O virtual e a experiência estética do mundo 71  
Carlos Bizarro Morais

Francis Hutcheson: la autonomía y especificidad de la belleza  
absoluta y la belleza relativa del arte 93  
Inés Moreno

A circularidade entre lei e história nos *Discorsi sopra la  
prima Deca di Tito Livio* 115  
Albano Pina

Condorcet, Holbach e Guyau: Reflexões sobre educação  
e laicismo 135  
Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Nacionalismos e filosofia Henrique Jales Ribeiro	155
Pressuposições empíricas da ética das virtudes Rui Sampaio da Silva	177
Leituras ambientalistas da obra de Heidegger: uma análise crítica Bernhard Sylla	201
Contributos para uma aprendizagem experiencial na disciplina de Filosofia no Ensino Secundário João Augusto Vilela Teodósio	225
Sobre a consideração moral da natureza Maria José Varandas	247
Emergência das “novas práticas filosóficas” e seu interesse para a didática da filosofia no ensino secundário Joaquim Neves Vicente	269

# Leituras ambientalistas da obra de Heidegger: uma análise crítica

Bernhard Sylla<sup>1</sup>

## Abstract

I intend to present a critical review of the interpretation of Heidegger's work as a precursor of an ecological philosophy. I start from a recently published article by Vincent Blok that summarizes the main challenges and problems of this interpretation of Heidegger, taking into account authors like Seidel, Zimmerman, Padrutt, Sheehan, and Foltz, among others. Taking Blok's considerations as a point of departure, I will articulate my paper in three steps: (i) I will briefly summarize the aspects of Heidegger's philosophy which were considered decisive for seeing Heidegger as a precursor of ecological philosophy; (ii) I will proceed to a critical revision of Blok's considerations which seek to think more ecologically than Heidegger himself in completing his ideas through James Gibson's theory of affordances; (iii) I will dwell briefly on Sheehan's thesis which was interpreted as disagreeing with the thesis that affords Heidegger the status of a precursor of ecological philosophy.

1. Departamento de Filosofia / Centro de Ética, Política e Sociedade (CEPS), Universidade do Minho; Professor auxiliar. Email: bernhard@ilch.uminho.pt

I conclude with the thesis that even the whole of the discussed theses and antitheses still leaves room for other perspectives, some of which have been raised in the debate about the Anthropocene.

**Keywords:** Heidegger; ecological philosophy; environmentalism; theory of affordances; Anthropocene

### **Resumo**

Pretendo apresentar uma revisão crítica da interpretação da obra de Heidegger como precursora de uma filosofia ecológica. Parto de um artigo recentemente publicado de Vincent Blok que resume os principais desafios e problemáticas desta interpretação de Heidegger, tomando em consideração autores como Seidel, Zimmerman, Padrutt, Sheehan, Foltz, entre outros. Tomando as considerações de Blok como ponto de partida, a minha análise será articulada em três etapas: (i) Resumirei brevemente os aspetos da filosofia de Heidegger que foram considerados decisivos ao ver nele um precursor da filosofia ecológica; (ii) procederei a uma revisão crítica das considerações de Blok que procura pensar de forma mais ecológica do que o próprio Heidegger ao completar as suas ideias através da teoria das *affordances* de James Gibson; (iii) detenho-me brevemente na tese de Sheehan, que discorda ver em Heidegger um precursor da filosofia ecológica. Concluo com a tese de que mesmo a totalidade das teses e antíteses discutidas deixa ainda espaço para outras perspetivas, algumas das quais foram levantadas no debate sobre o Antropoceno.

**Palavras-chave:** Heidegger; filosofia ecológica; ambientalismo; teoria das *affordances*; Antropoceno

## 1.

Apresentar uma análise crítica das leituras ambientalistas da obra de Heidegger, como sugere o título desta comunicação, é uma tarefa mais difícil do que possa aparentar à primeira vista, por duas razões principais: (i) não é de antemão claro qual é a referência do adjetivo ‘ambientalista’. Se atentarmos no panorama cada vez mais extenso dos discursos ambientalista, ecológico, antropocênico, etc., deparar-nos-emos não apenas com teorias bastante heterogêneas, mas também com a necessidade de distinguir mais claramente entre denominações aparentemente sinonímicas, como é o caso de ‘ambientalismo radical’ e ‘ecologia profunda’; (ii) esta primeira dificuldade está associada a uma segunda que tem a ver com a dimensão histórica do tema em questão: enquanto a tradição de um pensamento eco ou *oiko*-lógico remonta à Antiguidade, há também um tipo de preocupação ambientalista que surgiu apenas muito recentemente, i.e., nos anos 70 e 80 do século XX. Esta preocupação prende-se com a ameaça da destruição do planeta Terra que se torna cada vez mais real e premente. Ainda mais recentemente, um artigo de Paul Crutzen e Eugene Stoermer, publicado em 2000, desencadeou um intenso debate sobre a entrada da humanidade na suposta nova era geológica do Antropoceno, era onde, segundo os autores, se disputa seriamente a sobrevivência das espécies dos seres vivos no planeta Terra.

Não posso nem pretendo dar neste artigo um relato completo das leituras ambientalistas da obra de Heidegger. Convém, no entanto, referir que as primeiras destas leituras surgiram já antes da morte de Heidegger, nos inícios dos anos 70, e menciono a título de exemplo um breve artigo de George J. Seidel, intitulado “Heidegger: Philosopher for ecologists?”, cujo autor responde

afirmativamente (Seidel, 1971: 97) à pergunta que consta do título do seu artigo. Surpreendente é, a meu ver, não tanto a leitura ambientalista enquanto tal, mas antes o facto de Seidel apontar para uma controvérsia que iria surgir na opinião pública apenas muito mais tarde: a controvérsia entre duas atitudes que pretendem preservar o ambiente, uma que defende a necessidade de um forte intervencionismo ambiental, designada por Seidel de “total environmental management” (Seidel, 1971: 97), e outra que promulga o menor intervencionismo possível, ou seja, que procura colaborar ‘poeticamente’ com a *physis* das próprias coisas. É para esta segunda atitude que podemos encontrar, segundo Seidel, uma preciosa orientação na obra de Heidegger. Quer na Alemanha, onde Martin Schön herr e Peter Cornelius Mayer-Tasch tiveram um papel importante na inauguração e divulgação da leitura ambientalista nos debates académicos, quer em outros países, a associação da obra de Heidegger à causa das ameaças ambientais tornou-se rapidamente um tema largamente discutido nos círculos académicos.

Orientar-me-ei, no que se segue, por um artigo recente (de 2014) de Vincent Blok. Considero o seu artigo muito útil porque descreve bem o estado da arte da discussão das leituras ambientalistas e apresenta uma perspetiva interessante que merece consideração.

Blok sustenta a sua análise da questão se Heidegger pode ser considerado ou não precursor de uma filosofia ecológica profunda numa breve revisão crítica de textos de Zimmerman, Padru tt, James, Foltz, Maly e Sheehan. Esta revisão aponta para que os autores mencionados reconhecem que existe uma tensão dilemática inerente à própria posição de Heidegger. Por um lado, Heidegger sustentaria que é necessário um novo início que

implicaria o surgimento de um novo *ethos* eco ou *oiko*-lógico, por outro lado defenderia que não é possível sair do *Gestell* por este se ter tornado total. Esta tensão, advoga Blok, não pode ser resolvida ao minimizar o peso de um dos seus polos. No entanto, teria sido essa a solução apontada por todos os autores mencionados. Enquanto a maior parte dos autores tentaria minimizar o peso da tese de que é impossível sair do *Gestell*, um autor como Sheehan sobrevalorizaria esta tese, minimizando assim a possibilidade de fundar uma filosofia ecológica na obra de Heidegger (Blok 2014: 308).

Tomando as considerações de Blok como ponto de partida, articularei a minha argumentação em três passos: (i) resumirei brevemente os aspetos da filosofia heideggeriana que foram considerados decisivos para ver em Heidegger um precursor da filosofia ecológica; (ii) passarei a uma revisão crítica das análises de Blok e deter-me-ei, num terceiro passo (iii), sobre a tese de Sheehan. Concluirei ao afirmar que até mesmo o conjunto das teses e antíteses discutidas deixa ainda margem para outras perspectivas, algumas das quais foram levantadas no âmbito do debate recente sobre o Antropoceno.

## 2.

Os autores que sustentam que Heidegger é um precursor de uma filosofia ecológica radical concordam entre si quanto a uma pressuposição fundamental: não basta uma ética ambiental simples, ou seja uma ética aplicada centrada no agir humano que coloca a preservação da natureza no seu programa<sup>2</sup>. Uma tal ética

2. Cf. Foltz, 2014: XI; Blok, 2014: 309s., 314; James, 2009: 148; Zimmerman, 2003: 1. Para

continuar a entender o ser humano como sujeito que age sobre o ‘objeto’ natureza e exerce, como Seidel já tinha dito em 1971, um “environmental management”. Os problemas ambientais exigiriam antes uma mudança radical *ontológica*. Não admira, pois, que a filosofia de Heidegger se tenha tornado candidata privilegiada para conceber tal mudança.

No que diz respeito à escolha dos tópicos do pensamento heideggeriano considerados significativos para uma tal mudança ontológica, estes não variam muito de um autor para outro. Refiro brevemente os mais importantes.

A filosofia de Heidegger é lida como abandono de um pensamento antropocêntrico e tecnocêntrico segundo o qual cabe aos sujeitos dotados de razão, devido às suas faculdades superiores, dominar e desafiar a natureza. O abandono do pensamento antropocêntrico abre o caminho para um pensamento anti-dualista, e a noção de anti-dualismo geralmente evocada é a de um conviver com todas as ‘coisas’. Neste âmbito, três tópicos da filosofia de Heidegger revestem-se da maior importância: (i) o habitar poeticamente na Terra e com as coisas, entendendo-se ‘coisa’ no sentido dos escritos heideggerianos dos anos 50. Como Zimmerman diz, o lema “letting things be” deve ser entendido no sentido de permitir às coisas que apareçam e que se manifestem conforme as suas possibilidades intrínsecas (“in the sense of allowing them to manifest themselves in terms of their own inherent possibilities” [Zimmerman, 2003: 8]); (ii) esta forma de lidar com as coisas

estes autores está aqui a razão para distinguir entre ecologia profunda e ‘mero’ ambientalismo. Os termos ‘ambiente’ e ‘ambientalismo’ sustentariam ainda um falso dualismo, segundo o qual o homem está de certa forma oposto ao ambiente que o circunda e sobre o qual ele deve agir. Os termos ‘ecologia’, ‘ecológico’, por outro lado, evocariam um habitar do homem ‘junto com’ a natureza, os outros seres e as coisas, i.e., sustentariam um anti-dualismo que equipara o homem e a natureza.

é entendida no sentido de um cuidado (de uma *Sorge*) para com todas as coisas, um cuidado que opera e que se manifesta no horizonte do *polemos* entre Mundo e Terra e que, na obra mais tardia de Heidegger, distingue o papel dos mortais na quadrindade que reúne a Terra, o Céu, os Mortais e os Divinos. O cuidado do *Dasein* no seio da quadrindade deve tornar-se capaz de atender ao essencial das coisas. Por outro lado, esta forma de dar atenção às coisas não significa necessariamente que não haja intervenção nenhuma, pois é a ação poética do *Dasein* que pode trazer à luz modos de ser e a propriedade das coisas que, sem esta intervenção poética, não apareceriam; (iii) é esta forma poética de desencobrir a propriedade das coisas e de respeitar o seu essencial que constitui o verdadeiro habitar, o *oikos*, cuja essência e verdade deve ser dita, quer pelos filósofos, quer pelos poetas. Destarte, a verdadeira ecologia é um dizer poético, uma *Wohn-sage*, que desencobre o essencial das coisas no seio da quadrindade.

Transcrevo aqui apenas dois breves trechos que dão conta da presença destes tópicos nas leituras ambientalistas de Heidegger:

Heidegger's thinking can be seen as a message about dwelling, a saying about human dwelling. The Greek word for "dwell" is *oikeo*, and *oikos* means "home" or "household"; the Greek word for "say" is *legein*; and *logos* means "saying"; thus "dwelling-saying" is *eco-logy*. *Wohn-sage ist Oeko-logie*. [...] ecology refers exclusively to our dwelling on the earth. (Padrutt, 2009: 83)

Inhabitation or dwelling (das Wohnen), “staying with things” (*der Aufenthalt bei den Dingen*), is necessarily an act of tending and attending that grants things the leeway to disclose themselves and endure; an inhabitant in this sense is a genuine “care-taker”. And a relation to the natural environment based upon such heedful inhabitation is in itself a recovery of the original basis for an environmental ethic [...]. (Foltz, 1995: 15s.)

Fundamentadas nestes três aspetos, as leituras ambientalistas sublinham o aspeto da relação intrínseca entre o *Dasein* e as outras entidades, ou seja, entre ser humano e natureza. Por outro lado, levanta-se neste âmbito também uma suspeita contra Heidegger: visto que é o *Dasein* que descobre o verdadeiro ser das coisas, não significará isto que Heidegger pressupõe, no fundo, uma filosofia centrada no ser humano? Esta suspeita foi levantada por vários autores (Zimmerman, 2003: 12; James, 2009: 117-120; Foltz, 2014: 133), mas rejeitada como infundada. No entendimento destes autores, não se deve equiparar a verdadeira compreensão do mundo e das suas entidades à mera produção e fabricação das coisas, uma vez que a verdadeira compreensão implica um profundo respeito pelo próprio ser das entidades. Também é enfatizado, recorrendo à obra heideggeriana sobre *A Origem da Obra de Arte*, que a confrontação (*polemos*) entre Terra e Mundo exclui categoricamente a possibilidade de esgotar a Terra, pois esta recusa-se a uma interpretação total e preserva, face ao mundo, uma autonomia inquebrável<sup>3</sup>.

3. Cf., a este respeito, uma análise interessante de Holland (1999: 411ss.), que aborda o duplo aspeto de oferta (abertura para um desencobrimento) e recusa (de um desencobrimento total) da Terra a partir de uma perspetiva diferente que estabelece uma relação

Resumindo: segundo estes autores, a filosofia heideggeriana demonstra com suprema claridade que uma ética ambiental e uma filosofia ecológica se devem fundamentar antes de tudo no esclarecimento da relação *ontológica* entre as entidades, relação essa que permite às entidades que se manifestem segundo o seu próprio ser. Esta forma de atender às coisas, quando autêntica, conduz a uma ética apropriada cujo fundamento é o cuidado.

### 3.

Voltemos agora a Vincent Blok. Como já foi mencionado, Blok quer resolver a tensão dilemática inerente à obra de Heidegger (oferecer uma nova visão sobre um habitar mais ecológico mantendo ao mesmo tempo a convicção da impossibilidade de sair do *Gestell*) e quer alcançar, justamente através desta solução, uma compreensão ecológica que supere as ideias de Heidegger. Blok julga que tal será possível se se recorrer à *theory of affordances* do psicólogo norte-americano James Gibson, que viveu de 1904 a 1979, tendo formulado a sua teoria em 1977, na fase ulterior do seu pensamento. Gibson classificou a sua teoria como teoria da percepção, e Blok considera que a reinterpretação desta teoria como teoria ontológica pode servir como fundamento para uma nova filosofia ecológica.

Resumamos muito sucintamente a ideia base de Gibson. O próprio Gibson indica que o termo chave *affordance*, na forma substantivada, não existia no vocabulário da língua inglesa, embora se entenda facilmente como derivação do verbo *to afford*, que

significa *oferecer, propiciar, fornecer* (Gibson, 1979: 127)<sup>4</sup>. Segundo Gibson, o termo designa uma entidade relacional, meio real e meio virtual, que deve ser pensada como entidade básica e não como entidade composta de unidades singulares. Como se deve entender isto? Partindo da perspectiva da percepção, esta não se constitui segundo Gibson da forma que um sujeito percebe um determinado objeto com determinadas características e propriedades. Ao invés, toda e qualquer percepção percebe primeiramente um leque de potencialidades que o seu ambiente lhe providencia. Quais as potencialidades que se oferecem depende fundamentalmente do tipo da relação ou interação que se pode estabelecer, e não existe independentemente desta. O ser de todas as coisas é daí um ser constituído com vista a uma relação que envolve para além do carácter da possibilidade o da pragmaticidade. Determinada coisa pode ser comestível ou venenosa, um lugar pode ser propício para esconderijo, etc. Gibson rejeita rigorosamente que se recorra, na interpretação da *affordance*, a teorias da substância. Substâncias são aquilo que são apenas devido ao ‘valor’ que recebem através de uma *affordance* realizada. Nem mesmo existiriam entidades abstratas como valores ou significados se não houvesse primeiro uma realização pragmática de uma *affordance*. Embora Gibson nunca refira Heidegger, são evidentes os surpreendentes paralelismos com a ontologia pragmática heideggeriana em *Ser e Tempo*, tendo a *affordance* gibsoniana bastantes correspondências com a noção de *Bewandtnis* em Heidegger, nomeadamente, com o modo como é constituído o mundo e com a tese heideggeriana da

4. O artigo “The Theory of Affordances”, publicado em 1977 (Gibson, 1977), foi reeditado em 1979, como capítulo 8 do livro *The Ecological Approach to Visual Perception* (Gibson, 1979). Uso a versão de 1979.

prioridade ontológica da *Zuhandenheit* sobre a *Vorhandenheit*. Há, porém, também diferenças. Uma das mais importantes é que as *affordances* existem para todo o tipo de entes, mesmo para os que tradicionalmente são tidos como entes que não têm a capacidade de percepção. A *affordance* envolve sempre bilateralidade, e ainda que uma entidade ou um ambiente envolvido não pareça participar *ativamente* na *affordance*, é verdade que sem a sua participação a *affordance* não se realizaria.

A passagem da perspectiva percepcional para a perspectiva ontológica está intimamente relacionada com a noção de *affordance*. Se compararmos estas duas perspectivas, parece surgir uma certa ambivalência desta noção: quando a perspectiva percepcional parece focar o ente que percebe, a perspectiva ontológica torna mais evidente o carácter ao mesmo tempo modal e relacional da *affordance*, estando assim mais apta a desviar a atenção teórica da realidade óptica para a realidade ontológica. Não admira, pois, que algumas das conclusões que Gibson tira da tese da centralidade da noção de *affordance* tenham um carácter ontológico. Uma destas conclusões reside na afirmação de que não há diferença fundamental ou categorial entre ambiente natural e ambiente artificial-tecnológico, porque nos dois ambientes não muda o próprio carácter da *affordance*. Há apenas, diz Gibson, um único ambiente (Gibson, 1979: 130). Isto, por outro lado, não quer dizer que não haja diferenças no que diz respeito à estrutura, i.e., à densidade, complexidade e riqueza dos vários tipos de *affordances*. Gibson refere explicitamente dois tipos de *affordances* com grau de complexidade crescente: primeiro, a *affordance* que um ser capaz de movimentação oferece é muito mais complexa do que a *affordance* oferecida por um ente imóvel; segundo, os

ambientes intelectuais – mencionando Gibson aqui os exemplos da linguagem, das imagens e da escrita – são ambientes altamente sofisticados e infinitamente mais complexos do que ambientes ‘naturais’. Mesmo assim, continuam a ser *affordances* (Gibson, 1979: 137). Uma outra conclusão importante diz respeito a uma caracterização modal e temporal das *affordances*. Jamais é completamente determinável o que seria um conjunto completo das *affordances*, uma vez que estas são fundadas na categoria modal da possibilidade e daí infinitas e inesgotáveis; por outro lado, um qualquer conjunto de *affordances* sofre sempre mudanças com o decorrer do tempo. Se queremos mais uma vez traçar paralelos com a filosofia de Heidegger, revela-se aqui o aspeto da história do ser das possíveis ofertas e oportunidades, ainda que continuem a ser inesgotáveis. Tal como a história do ser em Heidegger, a história das *affordances* perspetivada por Gibson é uma história decadente que revela uma dialética negativa: não obstante a intenção plenamente positiva de reduzir o sofrimento e aumentar o prazer que subjaz, segundo Gibson, à história da realização e do aproveitamento das *affordances* pela espécie dos seres humanos, não se pode negar que tenham tido efeitos colaterais nefastos. Entre os efeitos mais negativos afiguram-se para Gibson a redução drástica das possibilidades que existem para outras espécies vivas e a crescente extinção destas espécies (Gibson, 1979: 130).

Qual é a leitura que Blok faz da teoria de Gibson? Segundo Blok, a teoria das *affordances* é uma ferramenta potente para fornecer as bases para uma teoria ecológica. Ao considerar a reciprocidade e interação entre as instâncias ‘natureza’ e ‘homem’, esta nova teoria ecológica não apenas seria capaz de superar o antropocentrismo, mas iria também ao encontro das ideias de

Heidegger, alegadamente expostas em *Identidade e Diferença*, de perceber esta interação entre homem e natureza como um desafiar recíproco<sup>5</sup>. Para além disso, um segundo ponto forte da teoria de Gibson residiria em que o entendimento deste desafio mútuo conduz diretamente a uma reflexão sobre a essência da técnica. Segundo Blok, Gibson recorda-nos que o refletir sobre a essência da técnica de forma alguma significa abandonar o desafiar tecnológico da natureza, mas antes que se entenda que o desafiar tecnológico é apenas uma das muitas formas do desafiar enquanto tal (Blok, 2014: 326).

Chegado a este ponto, Blok avança com o seu argumento principal: aquilo que entendemos por técnica ou tecnologia é apenas um “suplemento” à *physis*, a sua contraparte necessária, constituindo com ela uma *affordance*. Portanto, não há nenhum fenómeno ‘técnica’ isoladamente, mas sempre em cooperação mútua com a *physis* (Blok, 2014: 326); por outro lado, é precisamente a técnica, e não a natureza, que nos permite entender o carácter do processo mútuo do desafiar que ocorre entre natureza e homem (Blok, 2014: 327). Uma vez que a compreensão deste desafiar mútuo, se for autêntica e verdadeira, inclui a reflexão sobre a essência da técnica, Blok julga ter resolvido assim com um único golpe a tensão que existe na obra de Heidegger entre a visão de um novo habitar ecológico na Terra e o destino de não poder sair do *Gestell*,

5. Esta interpretação de Blok (“Just as in Gibson’s concept of the affordance of nature, also for Heidegger, man and nature are constituted by their mutual challenging [...]” [Blok, 2014: 322]), sofre, no entanto, de um erro categórico, ao confundir o óntico e o ontológico. A passagem de *Identidade e Diferença*, que Blok (2014: 322, n. 25) refere para corroborar a sua argumentação, não fala de um desafiar mútuo entre *natureza* e homem, mas sempre e repetidamente de um desafiar mútuo entre *ser* e homem (p. ex. [GA 11: 45]: “Das Zusammengehören von Mensch und Sein in der Weise der wechselseitigen Herausforderung bringt uns bestürzend näher, daß und wie der Mensch dem Sein vereignet, das Sein aber dem Menschenwesen zugeeignet ist”).

pois a condição para este sair é precisamente a de conseguir entender a essência da técnica. Tendo alcançado este fim, Blok acha-se na condição de sustentar um gaio otimismo. Somos chamados a investigar e experimentar, sem prescindir do auxílio da técnica/tecnologia, todo o tipo de *affordances* que ainda são desconhecidas, e fazendo-o reconectar-nos-emos com a ilimitada riqueza da natureza e do nosso ser. Dado esta reconexão ser interpretada como um dever, a perspetivação ontológica desemboca numa perspetivação axiológica, como demonstra a seguinte afirmação de Blok: “It is our responsibility to reconnect with the unlimited richness and complexity of nature beyond the actual affordance of nature in the age of technology” (Blok, 2014: 327).

Como podemos avaliar as teses sustentadas por Blok? Embora seja realmente interessante aproximar e confrontar as ideias de Gibson e de Heidegger, esta confrontação, tal como levada a cabo por Blok, ignora completamente a diferença entre o carácter ontológico das *affordances* e a história do seu ser<sup>6</sup>. A compreensão do carácter ontológico das *affordances*, por si só, em nada ajuda a enfrentar os problemas ecológicos de hoje. O que é imprescindível se se procura uma tal solução é ter uma noção do desenvolvimento do conjunto das *affordances*, e este desenvolvimento diz respeito, em Heidegger, à história do ser, e em Gibson ao desenvolvimento preocupante do aumento das *affordances* que se oferecem ao homem se pagar com uma diminuição exorbitante das *affordances* dos outros seres vivos. Blok, no entanto, abre mão

6. Atentando no que dissemos *supra*, na nota de rodapé n.º 4, Blok comete dois erros principais: (i) confunde *natureza* e *ser* e, daí, os patamares óntico e ontológico; (ii) não repara que a mera descrição do carácter das *affordances*, mesmo que seja uma descrição de carácter ontológico, é demasiadamente neutra para servir como orientação ética, se não for complementada por uma reflexão sobre o curso da sua evolução.

das preocupações de Heidegger e Gibson, realçando em vez disso meramente a infinita riqueza das *affordances* e a esperança de que a compreensão ontológica do seu carácter seja suficiente para mudar o rumo das nossas atuais práticas ambientais destrutivas. Sem que o quisesse, Blok situa-se assim, quanto às efetivas consequências da sua posição, mais perto da posição de Sheehan, sobre a qual me debruçarei agora muito brevemente.

#### 4.

A leitura que Thomas Sheehan faz da obra de Heidegger é inovadora e baseada num profundo conhecimento da mesma. Limitar-me-ei, no entanto, a mencionar apenas os poucos aspetos que dizem respeito à nossa análise. Refiro primeiro as passagens centrais da obra de Heidegger que justificam que se sustente a tese de que não é, no fundo, possível ao *Dasein* sair do *Gestell*:

No one can foresee the radical changes to come. But the technological advance will move faster and faster and can never be stopped. In all areas of his existence, man will be encircled ever more tightly by the forces of technology. These forces [...], since man has not made them, have moved long since beyond his will and have outgrown his capacity for decision<sup>7</sup>.  
(DT: 51)

7. "Die Umwälzungen, die kommen, kann niemand wissen. Die Entwicklung der Technik wird indes immer schneller ablaufen und nirgends aufzuhalten sein. In allen Bereichen des Daseins wird der Mensch immer enger umstellt von den Kräften der technischen Apparaturen und der Automaten. [...] diese Mächte sind längst über den Willen und die Entscheidungsfähigkeit des Menschen hinausgewachsen, weil sie nicht vom Menschen gemacht sind" (GA 16: 524).

[In fact,] the power concealed in modern technology determines the relation of humanity to that which exists. It rules the whole earth<sup>8</sup>. (DT: 50)

In the age of technology, therefore, “earth” or “nature” are no limits to technology. On the contrary, nature is conceived here as a fundamental piece of inventory of the technological world, and nothing else<sup>9</sup>. (BFL: 43)

O objetivo de Sheehan, porém, não reside apenas em corroborar a tese da impossibilidade da saída do *Gestell*, mas antes na investigação da essência da técnica. Baseando-se no diálogo entre Jünger e Heidegger, Sheehan chama primeiro a atenção para a necessidade de distinguir entre dois tipos de niilismo para entender não só o próprio Heidegger, mas também a questão da essência da técnica. Enquanto um niilismo superficial, chamado niilismo I, se refere à crescente decadência e instrumentalização do mundo moderno, um niilismo mais profundo, chamado niilismo II, pretende chegar à raiz do *nihil*, ou seja, ao Nada que determina o modo moderno da crescente maquinação e que está na origem do ‘essenciar’ da técnica. Como o próprio Sheehan diz, a verdadeira *Überwindung* (superação) do niilismo não consiste numa mera alteração do rumo niilista da história, mas é, nas palavras de Heidegger, uma *Verwindung*, i.e., a compreensão do ser riscado (*Ser*) que aponta simultaneamente para o nada, a quadrindade e o *Ereignis* (Sheehan, 1998: 281, n. 17).

8. “Die in der modernen Technik verborgene Macht bestimmt das Verhältnis des Menschen zu dem, was ist. Sie beherrscht die ganze Erde” (GA 16: 523).

9. “Im Weltalter der Technik ist die Natur keine Grenze der Technik. Die Natur ist da vielmehr das Grundbestandstück des technischen Bestandes – und nichts außerdem” (GA 79: 43).

Mas a interpretação de Sheehan não acompanha Heidegger no que diz respeito a uma possível salvação do *Gestell*. Na sua argumentação, Sheehan reúne dois argumentos fortes que empurram a ideia da salvação para a periferia. Primeiro, demonstra que um qualquer desencobrimento acontece *pele Dasein e para o Dasein*, ou seja, nas palavras de Sheehan, “entities are ontologically ad hominem” (*ibid.*: 293). Também todo o dizer do ser é um dizer que se dirige ao homem, e não há, fora disso, outra instância que possa substituir o homem nesta relação. Este é um argumento forte contra todos aqueles discursos ecológicos que pressupõem uma reciprocidade entre desencobrimientos efetuados pela natureza e desencobrimientos efetuados pelo *Dasein*, ou uma reciprocidade das *affordances*. Em segundo lugar, Sheehan interpreta, com recurso ao conceito de *dynamis* de Aristóteles, a compreensão do Nada como compreensão totalmente esclarecida da liberdade humana perante a infinidade das possibilidades que se abrem a partir do fundamento do Nada<sup>10</sup>. Com a morte de Deus, a ascensão do *Dasein* ao domínio torna-se total e suscita o desejo de levar o conhecimento tecnológico ao seu auge, i.e., rumo a um conhecimento total e absoluto. Nas palavras de Sheehan, a tecnologia moderna é a última e ulterior teologia, onde *theos*, *physis* e *anthropos* convergem cada vez mais para formar uma única entidade:

But this means that, whether or not the project is ever actually fulfilled, Aristotle has opened up to human beings the possibility of the total knowledge (and along with that knowledge, the control) of everything that is insofar as it is.

10. “[...] a ‘freeing’ of oneself from social and cultural nihilism by seeing its rootedness in a deeper and unsurpassable ‘nihilism’ that is in fact the human condition” (Sheehan, 1998: 281).

Aristotle's theology is the first technology, and modern technology is only the last theology. [...] [H]enceforth in Western thought *theos*, the highest instance of *physis*, will be a symbol for the goal and scope of technology: the humanization of nature and the naturalization of man. (Sheehan, 1998: 308s.)

Dentro do escopo escolhido, a interpretação de Sheehan é consequente e evita nomeadamente a irrefletida equiparação de natureza e homem. Para além disso, é importante porque mostra que a crítica ao niilismo moderno que está implícita em todas as filosofias ecológicas não é possível, segundo o ponto de vista de Heidegger, se não se tomar em consideração o carácter do Nada e a diferença entre niilismo I e niilismo II. As conclusões de Sheehan vão, no entanto, mais longe. Posto que o verdadeiro entendimento do carácter do Nada nos manda continuar na infinita tarefa do desencobrimento do mundo, precisaríamos de uma orientação e de um *ethos* mais concretos para levar a cabo esta tarefa. Mas seria em vão procurar essa orientação e esse *ethos* em Heidegger. Este não nos ajudaria nem quanto à questão de como lidar serenamente com a tecnologia, nem quanto à questão da salvação. Esta última, aliás, é destituída de sentido no escopo da interpretação sheehiana, e Zimmerman tem toda a razão quando avalia a posição de Sheehan da seguinte maneira:

If Sheehan is right, Heidegger's well-known utterance that "only a god can save us now" is best read ironically, given his views about the inevitability of Dasein interpreting beings ever more completely. Moreover, his talk of a dispensation (*Geschick*) that may enable Dasein to interpret beings in

a non-domineering way is best read as an instance of mythologizing that has been described as Heidegger's "private religion." (Zimmerman, 2003: 14)

## 5.

Para finalizar, cabe-me primeiro tirar algumas conclusões das análises apresentadas. A meu ver, Blok não consegue cumprir com o seu objetivo de resolver o dilema inerente à obra de Heidegger, pois tende a distorcer a mensagem de Heidegger, sobretudo porque não reconhece a verdadeira dimensão do nihilismo inerente ao desenvolvimento tecnológico. Sheehan, que é totalmente ciente deste erro categórico nas leituras de Heidegger, chega, no entanto, à conclusão de que não se pode ver em Heidegger um precursor de uma filosofia ecológica.

Nem a primeira nem a segunda solução me parecem satisfatórias. Por outro lado, também um simples regresso a Heidegger não me parece ser o mais adequado. Não faltam, na história do pensamento filosófico, teorias que supuseram que a história tivesse chegado à véspera do seu fim, onde nos resta apenas uma última decisão sobre o modo como consumir a história, e Heidegger enquadra-se evidentemente na fileira destes filósofos. Segundo Heidegger, há apenas duas alternativas que nos restam: (i) que uns poucos homens, com a ajuda de outras constelações propícias não controláveis, conseguem que a verdade da quadrinidade apropriada, talvez somente por um curto período de tempo, se essencie. Esta perspetiva é, no entanto, uma perspetiva altamente precária<sup>11</sup> que, para além disso, não exclui uma continuação

11. Sobre a precariedade desta perspetiva, cf. Sylla, 2017.

e agravamento da miséria de praticamente todos os restantes homens; (ii) que o homem continue a desenvolver e a aprimorar as suas habilidades tecnológicas, pondo, no entanto, em risco a sua sobrevivência ôntica e ontológica.

Ora, parece-me, sim, muito provável que o rumo da história tome o caminho da alternativa (ii). Isto, no entanto, não quer dizer que não haja um caminho ainda longo onde aconteçam mudanças ainda imprevisíveis.

Julgo que é exatamente esta crença que sobressai nos discursos mais recentes sobre o Antropoceno, onde se destacam autores como Bruno Latour, Isabelle Stengers, Donna Haraway, etc.<sup>12</sup>. Estes autores perspetivam uma ecologia que pensa a equiparação do homem com as coisas e com a natureza de uma forma deveras radical. Por um lado, enfrentam assim muito diretamente o assunto da morte ontológica do homem. Por outro lado, não realçam tão fortemente como Heidegger a figura apocalíptico-escatológica da *derradeira* decisão. Ao retirar da ideia da morte ontológica do homem o seu carácter chocante, talvez se tornem mais aptos, mais flexíveis e mais criativos a lidar com esta ameaça. Não quero dizer com isso que as teorias destes autores convençam, quero apenas dizer que são capazes de nos libertar da perplexidade quase que irremediável com a qual Heidegger nos deixa. Se é verdade que o verdadeiro desafio, a médio e longo prazo, será a disputa do homem com as realidades técnicas e orgânicas que ele próprio criou e criará, realidades que o ultrapassarão em cada vez mais sentidos e dimensões, o dilema de poder jogar o papel de Deus, de poder criar mecanismos capazes de realizar os velhos

12. Cf., a título de exemplo, Latour, 2013; Stengers, 2015; Haraway, 2016.

sonhos de igualdade, justiça, saúde, bem-estar, beleza, e de ao mesmo tempo estar ameaçado pela morte, miséria, desigualdade total, etc., colocar-se-á, ao que tudo aponta, a um nível que mal podemos imaginar e cujos problemas, dilemas e oportunidades nos são ainda totalmente desconhecidos, salvo algumas antecipações em obras de arte ficcionais, que são o mais fidedigno indicador do seu estado ontológico do ‘ainda-não’. Contra Sheehan e contra Heidegger insistiria em que não se pode traçar o limite do futuro desenvolvimento humano e terrestre como se nada de ontologicamente importante pudesse acontecer. Antes pelo contrário, é altamente provável que aconteça.

### Referências

- Blok, Vincent (2014). “Reconnecting with Nature in the Age of Technology. The Heidegger and Radical Environmentalism Debate Revisited”, *Environmental Philosophy*, 11/2, pp. 307–332.
- Crutzen, Paul & Stoermer, Eugene (2000). “The “Anthropocene””, *Global Change Newsletter*, 41, pp. 17-18.
- Foltz, Bruce (1995). *Inhabiting the Earth: Heidegger, Environmental Ethics, and the Metaphysics of Nature*. New York: Humanity Books.
- (2014). *The Noetics of Nature. Environmental Philosophy and the Holy Beauty of the Visible*. New York: Fordham University Press.
- Gibson, James J. (1977). “The Theory of Affordances”, in Shaw, R. & Bransford, J. (eds.), *Perceiving, Acting and Knowing: Toward an Ecological Psychology*. Hillsdale NJ: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 67-82.

- (1979). *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Haraway, Donna (2016). *Staying with the trouble. Making Kin in the Chthulucene*. Durham and London: Duke University Press.
- Heidegger, Martin (1966). *Discourse on Thinking*, transl. by J. M. Anderson & E. H. Freund. New York: Harper & Row [Sigla usada: DT].
- (1969). *Identity and Difference*, transl. by J. Stambauch. New York: Harper.
- (2000). *Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges (1910-1976)*, hg. v. H. Heidegger. Frankfurt/M.: Klostermann [Sigla usada: GA 16].
- (2005). *Bremer und Freiburger Vorträge*, hg. v. P. Jaeger, 2. Aufl.. Frankfurt/M.: Klostermann [Sigla usada: GA 79].
- (2006). *Identität und Differenz*, hg. v. F.-W. von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [Sigla usada: GA 11].
- (2012). *Heidegger: Bremer and Freiburg Lectures*, transl. by A. Mitchel. Bloomington: Indiana UP [Sigla usada: BFL].
- Holland, Nancy J. (1999). “Rethinking Ecology in the Western Philosophical Tradition: Heidegger and/on Aristotle”, *Continental Philosophy Review*, 32, pp. 409-420.
- James, Simon P. (2009). *The Presence of Nature. A Study in Phenomenology and Environmental Philosophy*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Latour, Bruno (2013). *Facing Gaia: Six Lectures on the Political Theology of Nature*. <https://docs.google.com/file/d/0BxeTjgod3jSSSXZHTU9Yb3FIYms/edit> (consultado 14.08.2018).

- Maly, Kenneth (2009). "Earth-Thinking and Transformation", in McWhorter, L. & Stenstad, G. (eds.), *Heidegger and the Earth. Essays in Environmental Philosophy*. Toronto: University of Toronto Press, pp. 45-61.
- Padrutt, Hanspeter (2009). "Heidegger and Ecology", in McWhorter, L. & Stenstad, G. (eds.), *Heidegger and the Earth. Essays in Environmental Philosophy*. Toronto: University of Toronto Press, pp. 17-44.
- Seidel, George J. (1971). "Heidegger: Philosopher for Ecologists?", *Man and World*, 4, pp. 93-99.
- Sheehan, Thomas (1998). "Nihilism: Heidegger/Jünger/Aristotle", in Hopkins, B. C. (ed.), *Phenomenology: Japanese and American Perspectives*. Dordrecht: Kluwer, pp. 273-316. [https://drive.google.com/file/d/0B2zuyt5\\_UZUqe-jBwMXEtSHpOWDg/view](https://drive.google.com/file/d/0B2zuyt5_UZUqe-jBwMXEtSHpOWDg/view) (consultado 14.08.2018)
- Stengers, Isabelle (2015). *No tempo das catástrofes. Resistir à barbárie que se aproxima*, trad. E. Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify.
- Sylla, Bernhard (2017). "O cuidado do ser. Heidegger, Derrida e Žižek", in Borges-Duarte, I., Sylla, B. & Casanova, M. A. (orgs.), *Fenomenologia hoje VI. Intencionalidade e cuidado*. Rio de Janeiro: Via Verita, pp. 235-256.
- Zimmerman, Michael (2003). "Heidegger's Phenomenology and Contemporary Environmentalism", in Toadvine, T. & Brown, C. S. (eds.), *Eco-Phenomenology: Back to the Earth Itself*. New York: SUNY Press, pp. 73-101; [https://www.nchu.edu.tw/~hum/download/eco-heidegger\\_phenom,MZ.pdf](https://www.nchu.edu.tw/~hum/download/eco-heidegger_phenom,MZ.pdf), pp. 1-25 (versão usada; consultado 14.08.2018).